



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**A ARTE DE UMA MARGEM DISTANTE: O “FESTIVAL DE ARTES PÃO E TINTA”
NA FAVELA DO PINA (2012 – 2022)**

EMMANUEL VITOR BRITO DE SOUZA FREITAS

RECIFE
2023

EMMANUEL VITOR BRITO DE SOUZA FREITAS

**A ARTE DE UMA MARGEM DISTANTE: O “FESTIVAL DE ARTES PÃO E TINTA”
NA FAVELA DO PINA (2015 – 2022)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito à obtenção do título de Graduado em História.

Orientadora: Prof. Dra. Fabiana de Fátima
Bruce Da Silva

RECIFE

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F866a

Freitas, Emmanuel Vitor Brito de Souza

A ARTE DE UMA MARGEM DISTANTE: O “FESTIVAL DE ARTES PÃO E TINTA” NA FAVELA DO PINA
(2015 – 2022) / Emmanuel Vitor Brito de Souza Freitas. - 2024.
37 f. : il.

Orientador: Fabiana de Fatima Bruce da Silva.
Inclui referências e anexo(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em História,
Recife, 2024.

1. Pão e Tinta. 2. Graffiti. 3. Coletivo. 4. Juventude. I. Silva, Fabiana de Fatima Bruce da, orient. II. Título

CDD 909



**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA
TERMO DE APROVAÇÃO DE TCC**

EMMANUEL VITOR BRITO DE SOUZA FREITAS

**A ARTE DE UMA MARGEM DISTANTE: O “FESTIVAL DE ARTES PÃO E TINTA” NA
FAVELA DO PINA (2015 – 2022)**

Trabalho de conclusão de curso aprovado com nota _____ como requisito para conclusão da disciplina de TCC II (Cód. 04803), pela seguinte banca examinadora:

Orientador: _____ Nota:

Prof. Dr.^a Fabiana de Fátima Bruce da Silva
Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco

Membro: _____ Nota:

Prof. Dr.^a Lúcia Falcão Barbosa
Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco

Membro: _____ Nota:

Prof. Dr.^a Juliana Alves de Andrade
Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco

Média das notas	
-----------------	--

Recife, 08 de março de 2024.

AGRADECIMENTOS

Como expressou Euclides da Cunha em uma de suas cartas, “nada se perde abandonando uma estrela para abraçar um amigo.¹” Em meio à emotividade que permeia este momento, reconheço que minhas palavras, ainda que sinceras, seriam mais expressivas em forma de arte visual. No entanto, é com alegria que compartilho estas linhas, tecendo um relato sobre os últimos seis anos de jornada.

Foram períodos de desafios e dualidades, entre expressar-me através do *graffiti* quando a escrita clamava por mim, ou vice-versa. Escolher a arte urbana como estilo de vida e profissão é adentrar um território repleto de adversidades, onde momentos de desvalorização coexistem com instantes de triunfo radiante. Essa trajetória, entretanto, foi pavimentada com o suor e o apoio inabalável de amigos e amigas que, generosamente, me abraçaram e iluminaram o caminho possibilitando esse voo. Em meio às encruzilhadas, enfrentamos escolhas árduas, mas também desfrutamos de conquistas notáveis. Durante a elaboração deste trabalho, não nos limitamos à esfera acadêmica; nossas ações ecoaram pelas ruas, tocando vidas e comunidades. Obras de artistas periféricos e talentosos foram apreciadas e celebradas, abrindo portas para sonhos outrora inalcançáveis. Murais artísticos adornam agora as paisagens urbanas de localidades como Santo Amaro, Coque e Pina, e até mesmo uma homenagem ao saudoso Reginaldo Rossi, o eterno Rei do Brega, foi imortalizada na principal avenida do Recife. Quem poderia prever tamanho impacto? quem poderia imaginar?

Entretanto, essa jornada transcende a mera produção artística ou acadêmica. Acredito sinceramente no poder transformador da arte urbana, agindo com o propósito de salvar vidas. E isso só foi possível graças ao apoio e à visão compartilhada de amigos e amigas que sonharam e lutaram ao nosso lado. A eles, minha eterna gratidão.

Gostaria de agradecer imensamente a meus pais Erivelton Rodrigues e Daniela Toscano por sempre me apoiarem e darem suporte em todos os caminhos que decidi trilhar; também à Ailton Robson, Nathalia Niedja e Marcio Júnior pelo essencial suporte na Universidade e na vida. As minhas companheiras do Coletivo Pão e Tinta – Maria, Lemos, Mila, PS, Pether, Matheus, Inay, Medusa, Duda, Michelle, Insano, Babi, Yuri, Dona Nice dentre outras eu agradeço o acolhimento no percurso. Aos mestres, especialmente: Edson Bizarro, Pedro Stilo e Shell Osma agradeço pelas conversas e ensinamentos no *graffiti* que universidade nenhuma

¹ Arquivos de Euclides da Cunha - Correspondência ativa de 1893 - carta ao amigo Reinaldo Porchat. 21 abril. 1893. (Disponível em: <https://euclidesite.com.br/obras-de-euclides/correspondencia/correspondencia-ativa-de-1893/> acesso em: 19/02/2024.)

poderia proporcionar, ao último agradeço também a disponibilidade de gentilmente criar uma arte de capa para este trabalho. A minha orientadora, Fabiana Bruce, pelo acolhimento de um sonho que parecia ser impossível e pela paciência e entendimento no processo enquanto pessoas extremamente atarefadas. A comunidade do Bode, no Pina onde cresci e me criei, essas ruas coloridas reverberam até hoje dentro de mim. Por fim, para todas que acreditam no potencial transformador da arte urbana: O Coletivo Pão e Tinta vive e seguirá.

EPÍGRAFE

A maré

A maré, lixo merda e carniça

Criação do criador

Criaturas submissas

A maré, viveiro de miseráveis

Por inércia ou falta de opção

Latrina da humanidade

(Ou de Boa Viagem)

A maré abriga e alimenta

O filho ingrato que a mata

Amar é sair da lama

Reluzente como prata

A maré procura o rio

Para desabafar

Mas inevitavelmente

A maré vai

Abortar...

Kcal Gomes

Poeta e traficante de livros

ARTE DE CAPA POR SHELL OSMO



A arte de uma margem distante: o papel do “Festival de Artes Pão e Tinta” na Favela do Pina. (2012 –2022)

The Art of a Distant Margin: The Role of the 'Pão e Tinta Arts Festival' in Pina Favela. (2012-2022)

RESUMO

O Festival Internacional de Artes Pão e Tinta acontece anualmente desde 2012 na Favela² do Pina, em Recife, Pernambuco. O evento abre seleção pública todos os anos para receber grafiteiros(as), músicos(as) e voluntários(as) que atuam normalmente durante cinco dias em uma espécie de "carnaval das artes", onde ocorrem *graffiti's* na rua, shows e ações sociais de cabeleireiros, trancistas, amarração de turbantes, entre outras. Sendo uma produção cultural independente foi idealizada como uma alternativa para a juventude do Pina, atuando na revitalização dos espaços públicos da comunidade, tornando-se assim nossa principal ferramenta de luta em defesa do nosso território, ameaçado pela especulação imobiliária. A arte surge de um dos lugares mais esquecidos pelo poder público do Recife e rompe as estatísticas como uma alternativa para que os jovens possam vislumbrar um futuro longe da violência, das drogas e da criminalidade. Com este artigo, buscamos construir um relato de experiência que problematize e questione a importância dessa atividade inserida em uma realidade de exclusividade da institucionalização pública de espaços artísticos/culturais apenas nas áreas elitizadas da Cidade do Recife, demonstrando que organizações periféricas já desempenham esse papel, suprindo esse *déficit* com poucos ou nenhum recurso.

Palavras-chave: Pão e Tinta; *Graffiti*; Coletivo; Juventude.

ABSTRACT

The International Bread and Paint Arts Festival has been held annually since 2012 in the Pina Favela, in Recife, Pernambuco. The event opens a public selection every year to welcome graffiti artists, musicians, and volunteers who typically engage for five days in a kind of "arts

² Aqui neste trabalho chamada desta maneira em concordância com pensadores “favelistas”, dentre eles André Fernandes da Agência de Notícias das Favelas que enfatiza que: “as localidades que têm demandas atendidas pelo poder público não simplesmente deixam de ser favelas. Sua história e a história de vida dos moradores vão sempre estar atreladas às dificuldades que passaram por estarem historicamente à margem da sociedade, sem receber seus direitos como cidadãos. Tentar apagar a palavra “favela”, seria, portanto, uma tentativa de apagar as lutas e as conquistas de seus moradores.”

carnival," featuring street graffiti, concerts, and social actions such as hairdressing, braiding, and turban tying, among others. As an independent cultural production, it was conceived as an alternative for the youth of Pina, working on the revitalization of public spaces in the community, thus becoming our main tool in defense of our territory, threatened by real estate speculation. Art emerges from one of Recife's most neglected areas by the government and breaks through the statistics as an alternative for young people to envision a future away from violence, drugs, and crime. With this article, we aim to construct an experiential narrative that problematizes and questions the importance of this activity within a reality of exclusive public institutionalization of artistic/cultural spaces only in the elitized areas of Recife City, demonstrating that peripheral organizations already fulfill this role, addressing this deficit with little or no resources.

Keywords: Pão e Tinta; Graffiti; Collective; Youth.

Introdução: A arte com fins políticos

Nascido na história contemporânea das periferias metropolitanas, o *graffiti*³ é a expressão artística que carrega a energia das metrópoles, que segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a partir da pesquisa de Regiões de Influência das Cidades (REGIC) são locais que atraem uma grande população de outros municípios que não encontram nas suas cidades todos bens e serviços, além de possuir capacidades de articulação com outras cidades a partir de empresas multi localizadas e órgãos públicos com estruturas descentralizadas.

A investigação e produção deste artigo abordam a elaboração de uma organização periférica (por ser realizada na margem da sociedade e pensada em contramão do *status quo* que constrói a cidade de costas para o rio e manguezal, por exemplo) em torno de um fazer ainda marginalizado por ser profundamente alinhado a uma realidade social historicamente estereotipada e negligenciada. A prática acaba sendo de extrema importância na vida de centenas de jovens que a escolhem para libertarem suas almas, manifestando suas vozes antes silenciadas, mas agora organizadas e presentes de diversas maneiras nos muros do mundo.

Essas vozes agem como interlocutoras e ouvintes cruciais na formação política dos seus atores que, outrora esquecidos, agora passam a reivindicar seus direitos políticos utilizando a tinta como instrumento. O desdobramento dessa experiência artística enquanto ferramenta social já foram abordados regionalmente na academia em importantes pesquisas por Nicole Costa em sua tese sobre a Antropologia do *graffiti* em Recife e por Thiago Moura em sua dissertação sobre pixadores, grafiteiros e suas territorialidades, por se tratar de um acontecimento histórico único, onde os agentes conversam conosco cotidianamente através das marcas na cidade.

A observação dessas paredes nos permite a busca pela compreensão de seus significados, funcionando como janelas da voz das camadas populares, que clamam pelo pão (aqui lido como direitos políticos) utilizando a tinta, revelando assim um acontecimento histórico singular por ser objetivamente pensada como instrumento de arte-educação executado além dos muros da escola. Observando a partir da proposta metodológica de Edward

³ De maneira geral, a grafia *graffiti* é adotada pelos envolvidos nesta cena e remonta ao contexto de Nova Iorque, um dos berços desta prática. Sob esta perspectiva, *graffiti* é, pois, um termo de empréstimo e seu registro indica intenção de preservar o vínculo com um contexto particular, embora seus significados tenham ganhado contornos locais. Graffiti nomeia maneiras de ser e de fazer de dimensões éticas, corporais, estéticas, políticas e epistemológicas. A grafia grafite, por sua vez, é correntemente adotada por meios de comunicação e textos jurídicos. Nestes contextos, grafite se refere quase que exclusivamente à dimensão visual, sendo usado muitas vezes como um sinônimo de murais. Portanto, trata-se de uma noção que não compreende a diversidade de modalidades e estilos que o *graffiti* engloba, além de não considerar aspectos que não estão visíveis nas superfícies da cidade. Leal, G. (2022).

Thompson, o presente trabalho se justifica na busca da compreensão da importância dessas experiências complexas, que não são apenas desenvolvidas no campo do pensamento e do procedimento, mas também processadas no campo sentimental e externadas em forma de arte. Conforme o mesmo afirma:

As pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos (...) elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esse sentimento na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas (Thompson, 1981, p. 189).

Sendo atualmente coordenador colegiado e parte do Coletivo Pão e Tinta, uma instituição artística atuante em tais práticas há mais de 10 anos na Favela do Pina, e ex-morador da comunidade do Bode, acredito que este registro e análise seja fundamental para que a formação artística e o exemplo de ressignificação dos espaços públicos de coletividade local possam ser vistos, compreendidos e debatidos por todo o Brasil, transbordando assim os limites geográficos do bairro e das comunidades circunvizinhas. Sendo morador do Pina, grafiteiro, artista visual e cofundador do coletivo, Sheldner Osório faz questão de enfatizar que "o Pão e Tinta é um grande celeiro de artistas, tornando-se outra resposta e transformando a comunidade desde o seu nascimento" (COLETIVO..., 2020).

As comunidades do Pina e Brasília Teimosa possuem longa tradição de lutas e vasta produção acadêmica abordando esses assuntos, alguns dos mais importantes abordam o processo de especulação imobiliária pós construção do *Shopping* Rio Mar e patrimonialização das comunidades tradicionais pesqueiras nesses lugares, importantes trabalhos produzidos respectivamente por Bruno Sérgio da Silva Souza em sua pesquisa "O processo de especulação e valorização imobiliária nos bairros do Pina e de Brasília Teimosa: um estudo voltado à construção do Riomar Shopping" e Vanessa Maschio dos Reis com coautoria de Letícia Teixeira Mendes em sua obra "Palafitas do Bode: patrimônio cultural imaterial?".

Como continuação destes e diversos artigos que versam sobre a localidade realizaremos um relato de experiência afim de abordar a origem e *modus operandi* de realização desse projeto artístico-social é crucial para compreendermos mais este local, onde para uma parte da parcela marginalizada da sociedade a probabilidade de fuga das estatísticas de homicídio e criminalidade é mínima e por acreditarmos no *graffiti* como ferramenta de socialização efetiva, nossa iniciativa visa oferecer oportunidades através das artes para as vidas que caíram nessas estatísticas.

A partir desta pesquisa nós esperamos contribuir para ampliar o debate sobre o impacto dessa coletividade artística na ressignificação desses ambientes de vivência comunitária, atuando em âmbitos como a autoestima dos habitantes, a redução do consumo abusivo de drogas dentre outras coisas por meio da conscientização e enfrentamento. O *graffiti* faz parte de um conjunto de dinâmicas que vão além da tinta nos muros, através deles diversos pesquisadores de todo mundo desenvolveram diversas análises históricas, sociais, culturais e antropológicas. Por exemplo, no artigo “Graffiti é existência”: reflexões sobre uma forma de cidadania” a pesquisadora portuguesa Gabriela Leal observa a cultura partindo do ponto de vista daquilo que escapa à primeira vista, buscando entender de que forma este fazer artístico afeta as identidades de quem o pratica na medida em que ocupam os espaços urbanos.

Ao investigarmos as contribuições práticas dessas ações desejamos auxiliar na busca por reconhecimento público e institucional, a fim de justificar a obtenção justa de recursos que possibilitarão a continuidade dessas atividades anuais. Reconhecendo a sua capacidade de ressignificar espaços públicos ociosos, dando acesso à arte para estes que são historicamente excluídos desse universo. Além disso, buscamos incentivar o senso crítico essencial para a construção da cidadania ao enriquecer a mente das pessoas com novas possibilidades de expressão e de geração de renda através da economia criativa.

Nasce um coletivo: O movimento *Hip Hop* e o Pão e Tinta

O movimento *hip-hop* surge no final do século XX como um forte indicador da efervescência cultural da juventude preta estadunidense com forte influência da cultura Jamaicana na Cidade de Nova York, mais precisamente nos Bairros do Queens, Brooklyn e Bronx, transformando-os. Organizando festas com equipamentos de música eletrônica, dançando ao som desse ritmo e utilizando os muros e os sistema de metrô da cidade como suporte para seus nomes os transformando em galerias artísticas a céu aberto. Essas iniciativas deram origem a um movimento de ocupação dos espaços públicos que desembocaria em uma arte crítica e incisiva na reivindicação de diversos direitos políticos como moradia, educação, acesso a arte e cultura historicamente negados. Os primeiros registros dessas intervenções com esse estilo marcante, denominados de *graffiti*, datam de meados da década de 70 do século XX.

Segundo a Universal Zulu Nation (maior organização de *Hip Hop* no mundo, representada em nosso país pela Zulu Nation Brasil, que tem King Nino Brown como seu representante), o nascimento oficial do movimento data de 12 de novembro de 1974, exatamente um ano após a fundação da Zulu Nation. A expressão *Hip Hop* teria sido cunhada também por Bambaataa ainda em

1968 para descrever o movimento de ‘balançar os quadris’ durante a dança. (ALVES, 2004, p. 11).

Nascido nessas ruas, becos e avenidas, esse elemento da cultura hip-hop viria a ocupar espaços culturais, históricos e sociais significativos no cotidiano das comunidades periféricas do Recife vindo desse extrato social considerado e posto à margem da sociedade. As práticas políticas institucionais direcionadas ao *graffiti* por muitos anos foram de violência, repressão e discriminação, mas a partir do trabalho de toda uma geração de artistas para conquistar a compreensão da importância da arte como forma de expressão e resistência cultural, se tem havido esforços de valorização e reconhecimento dessas manifestações.

Buscando a inclusão dos artistas e a legitimação dessa forma de arte nos espaços públicos, após embates de grupos de grafiteiros, a Prefeitura do Recife passa a valorizar e a reafirmar compromisso com a arte através de programas como o “Colorindo o Recife⁴”, que remunera artistas para produzirem murais pela cidade. A grande maioria dessas artes, que são produzidas em favelas e antes financiadas apenas por algumas ações institucionais pontuais com um pequeno número de artistas, a partir de 2016 passa a se tornar efetivamente parte da pasta da Secretária de Inovação Urbana, que atualmente concentra mais de 90⁵ artistas remunerados para produzir murais de até 50m² de recorrência anual.

Outra data considerada como nascimento do hip-hop é o dia 11 de agosto de 1973, em razão de uma festa realizada pelo DJ Kool Herc no número 1520 da Sedgwick Avenue, no Bronx, Nova York, logo a cultura atingiu recentemente seu status cinquentenário e irradiou-se ramificando durante todas essas décadas para localidades que também viviam experiências semelhantes: forte urbanização, especulação imobiliária latente advinda da mesma e uma juventude com muita energia pra reivindicar mudanças utilizando seu potencial artístico. Um paralelo que nos ajuda a enxergar essas semelhanças nas lutas do Bairro do Bronx, em Nova York e do Pina em Recife pode ser visto através das décadas se observamos o recorrente

⁴ MORAES, Katarina. Mais cor e arte pela cidade: Colorindo o Recife convoca grafiteiros a se inscrevem em edital. Jornal do Comercio, 24 jan. 2022. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2022/01/14937516-mais-cor-e-arte-pela-cidade-colorindo-o-recifeconvoca-grafiteiros-a-se-inscrevem-em-edital.html>>

⁵ “Colorindo – Painéis” - documento de consulta pública no *Drive* do programa Colorindo Recife da Secretaria de Inovação Urbana da Prefeitura do Recife, 16 fev. 2024. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/12fwher8PdGTYtx-9_TC1kKa2sVgn6NDv>

acontecimento de “incêndios acidentais” que destroem⁶ comunidades inteiras que darão lugares a novas construções gentrificadas. ⁷

Banhado pelo mar e cercado pelo mangue da bacia do Pina localizada em Recife, Pernambuco surge o Coletivo Pão e Tinta em meados de 2012, do qual faço parte. O Pão e Tinta é uma junção de grafiteiras, pixadores, dramaturgos, poetas, articuladoras sociais e agitadores culturais da localidade que se intitulava antes como “100Parar” e buscavam uma organização em torno de um espaço artístico que potencializasse essa atividade já feita nas margens da Bacia do Pina. Observando as preocupações sociais, políticas e históricas que o movimento hip-hop possui, essa coletividade buscou o desenvolvimento de um trabalho de educação, redução de danos, acessibilidade e inclusão artística no Pina e nas comunidades circunvizinhas. A Organização reúne diversos segmentos como artes visuais, musicais, teatrais, militância sobre direito a cidade, educação socioambiental, mobilidade urbana, incentivo à leitura, acesso à cultura e informação popular.

As atividades do coletivo hoje acontecem na Casa Colaborativa (COLLAB), em vilas flutuantes às margens do rio, nas ruas das comunidades e em espaços de entidades parceiras como a Livroteca Brincante do Pina e a Associação Cultural Artística e Ambiental do Pina (ACAAP), que atua como entidade jurídica guarda-chuva das construções locais. Em parceria com essas instituições realizamos as atividades pedagógicas de rodas de diálogos, palestras dos mais diversos assuntos e discussões sobre formas de empoderamento do território geográfico que ocupamos. Buscamos abordar nossa questão ambiental enquanto comunidade pesqueira para assim contribuir também nos espaços de decisões comunitárias e políticas da nossa localidade pautando a requisição de direitos da juventude preta, periférica, dos pescadores, da justa moradia digna, etc.

Historiar o coletivo é uma tarefa de importância e responsabilidade enorme, desde a definição do nome, que surge da analogia de colocar intenções políticas e sociais à mesa. Para nós, "todos os seres precisam de pão para viver e tinta para pintar e comunicar pelo que vivem" (COLETIVO..., 2020). Essa arte surge como o retrato de uma de manifestação proveniente do

⁶ Incêndio atinge palafitas na Bacia do Pina, na Zona Sul do Recife. Folha de Pernambuco. 06 mai. 2022. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/noticias/incendio-atinge-palafitas-no-pina-na-zona-sul-dorecife/225966/>>

⁷ Bronx em chamas - Especulação imobiliária causou destruição cataclísmica em Nova York. Aventuras na História. 13 nov. 2018. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/galeria/foto-bronx-emchamas.phtml>>

desdobramento de uma série de anseios da juventude local que, inicialmente, atuavam enquanto pixadores, mas migraram para o *graffiti*, onde construíram uma luta histórica.

O título descreve bem a efervescência cultural e política que acontecia nessa comunidade no momento do surgimento desse movimento, mostrando a união dessas pessoas que se negaram a experimentar o sentimento recorrente de serem vítimas das políticas de *pão e circo* estatais e optaram, sim, pelo pão, mas também pela tinta, que se tornou o instrumento principal para que essa parcela da periferia dialogue com a cidade em busca de suas demandas políticas. Afinal, a arte é um impacto social forte para que nossas reivindicações sejam ouvidas nos sejamos vistos.

O impacto político desse movimento na cena artística e cultural de Recife, afeta a vida de pessoas interessadas em produzir cultura que mantém a cidade respirando, dentro desse fazer vivemos, assim, na construção de trabalho voluntário em sua grande parte, recebendo recursos de apoios, articulações, ações de economia criativa e pinturas realizadas pelos artistas, editais e exposições.

Um lugar colorido em meio a violência: A Favela do Bode

A Comunidade do Bode, área de maior atuação do coletivo, é uma das mais carentes do Bairro do Pina, localizado na Zona Sul do Recife, Pernambuco. O lugar é cortado por um braço do Rio Pina. De acordo com a Prefeitura da cidade do Recife, a comunidade tem aproximadamente 25.000 habitantes em uma extensão territorial de 1 km², entre palafitas às margens do rio e casas de alvenaria⁸. As principais fontes de renda são a pesca, o comércio informal e os serviços de subemprego, o lugar sofre com a falta de políticas públicas de educação e saneamento básico a longo prazo, devido à negligência de atuação positiva do Estado. Sua presença negativa se observa a partir das leis que geram repressão e violência por parte da polícia militar, que acaba por tolher as oportunidades de uma parcela dos moradores de saírem de uma situação de marginalização permanente⁹.

Graças a essa falta de investimento as doenças causadas pela carência são constantes na região que também apresenta altos índices de violência gerados em razão das disputas pelo

⁸ VASCONCELOS, Júlia. Mais de 300 famílias das palafitas do Bode não sabem para onde vão com urbanização do Pina. Brasil de Fato PE, 19 dez. 2022. Disponível em: <<https://www.brasildefatope.com.br/2022/12/19/maisde-300-familias-das-palafitas-do-bode-nao-sabem-para-onde-vao-com-urbanizacao-do-pina>>

⁹ CARNEIRO, Giovanna. Moradores da Comunidade do Bode pedem paz e justiça após tiroteio que matou criança de um ano. Marco Zero, 06 jun. 2023. Disponível em: <<https://marcozero.org/moradores-da-comunidade-do-bodepedem-paz-e-justica-apos-tiroteio-que-matou-crianca-de-um-ano>>

tráfico de drogas entre os próprios moradores, ocasionando assim um genocídio da juventude preta e periférica na população local¹⁰. O bairro, tradicional comunidade pesqueira, enfrenta problemas como falta de saneamento básico¹¹, acesso à educação e à saúde, coleta de lixo, moradia digna, urbanização adequada e acesso à informação, à água potável e à cultura, sendo que alguns habitantes também são vítimas do uso abusivo de drogas.

Os moradores são em sua maioria descendentes de trabalhadores e pescadores que formaram o bairro no final do século XIX e o viram se desenvolver durante o século XX com muita luta e reivindicação e projetos como o Plano de Saneamento do Recife (1909-1915), orquestrado por Saturnino de Brito. As casas são em sua maioria de alvenaria, mas existe um grande contraste entre estas, os grandes prédios e as palafitas. Sua população é em grande parte formado por ocupantes autodeclarados pretos e pardos que também lutam contra a especulação imobiliária por estarem situados em um ponto estratégico da cidade, tendo o metro quadrado mais caro do Recife conforme a análise de 3,6 mil anúncios de aluguel/venda pelo relatório de inteligência imobiliária da Apsa em 2022 chegando até mesmo a custar R\$ 9.321,00 a R\$ 9.571,00 por metro quadrado¹².

Além disso, há uma falta de meios para gerar renda própria devido a piora da situação de poluição do rio e o bairro apresenta altos índices de desemprego sendo estigmatizado pela sociedade e pela grande mídia (jornais, programas policiais, telejornais) como um lugar ameaçador para a cidade, o que contribui para a baixa autoestima e consequente exclusão social¹³. Enquanto isso, projetos como o Pão e Tinta e a Livroteca Brincante do Pina, sob a estrutura da ACAAP, atuam como organizações coletivas sem fins lucrativos na construção e estruturação de instrumentos de cultura e lazer, buscando oferecer alternativas diferentes para os habitantes locais em meio a todo esse descaso e violência.

¹⁰ COSTA, Iris. Pelo segundo ano seguido, polícia mata apenas pessoas negras no Recife, aponta Observatório de Segurança. GLOBO, 16 nov. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2023/11/16/pelo-segundo-ano-consecutivo-policia-mata-apanaspessoas-negras-no-recife-segundo-observatorio-de-seguranca.ghtml>>

¹¹ “Painel do Saneamento” produzido pelo TCE-PE mostra situação de descaso no Estado de Pernambuco, onde na cidade do Recife 55,01% dos moradores não possuem acesso ao saneamento básico. 12 jan. 2024. Disponível em: <https://lookerstudio.google.com/u/0/reporting/fo1982c2-6e21-40cc-9101c9c616945663/page/p_90qwrh96c?s=IOU7wvYJrq8>

¹² MORAES, Lucas. Aluguel mais caro: veja preços por bairros do recife, com aumento de até 32%. Jornal do Commercio, 13 jun. 2022. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/economia/2022/06/15024719-aluguelmais-caroveja-precos-por-bairros-do-recife-com-aumento-de-ate-32.html>>

¹³ Por insegurança, os EUA não recomendam Praia do Pina para turistas americanos. Jornal do Commercio, 11 jan. 2018. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2018/01/11/por-inseguranca-euanao-recomendam-praia-do-pina-para-turistas-americanos-323515.php>>

Inserido nesse espaço durante o governo de Eduardo Campos e João da Costa nasce o Pão e Tinta em 2011 por meio de suas atividades como mutirões, painéis, leilões, protestos e ocupações artísticas. São organizadas também com o objetivo de atrair a atenção do poder público para essa área historicamente marginalizada e esquecida, buscando assim soluções para os diversos problemas enfrentados pelas comunidades locais. Uma das questões mais fundamentais é a luta pela garantia do acesso à moradia digna, um direito advindo da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 e assegurado pela Constituição Federal Brasileira de 1988.

Esse debate chega à comunidade através da desigualdade vivida que gera, a partir de um pensamento crítico, o questionamento proveniente dessa conscientização por parte de pessoas politicamente ativas e atuantes no local, como o poeta Kcal Gomes, fundador da já citada Livroteca Brincante do Pina. Ao observar o cotidiano das comunidades do Pina e Brasília Teimosa, que historicamente sofrem com o status de vulnerabilidade social. Seus moradores se percebem ocupando um espaço onde muitos dos seus direitos como cidadãos são negados, habitando inclusive moradias negligenciadas e precárias, popularmente conhecidas como palafitas¹⁴.

Podemos observar utilizando como fonte a tese de Rita de Cássia Barbosa de Araújo chamada “Boa viagem: um novo horizonte”, ao tratar do início desse processo de higienização do Pina/Boa Viagem nos demonstra que esse processo de especulação possui raízes históricas. A construção da Avenida Boa Viagem onde os opositores do então governador tinham certeza que: “Só a especulação imobiliária desmedida, o jogo de comprar terrenos a preço baixo para valorizá-los em prazo curtíssimo, encaminhando investimentos municipais pra eles, justificavam tal desiderato.”

Rita de Cássia (2002) em sua tese sobre a história social das praias do Recife enfatiza que desde o início desse processo os moradores dos mocambos foram removidos:

De acordo com o órgão oficial de imprensa do Estado, haviam sido desapropriados e indenizados treze interessados, sendo doze mocambos e uma casa de taipa, no valor total de 2:780\$000. Encontrava-se pendente na Justiça, o caso da desapropriação de uma área de 2.658 m² (2002, p. 90).

¹⁴ Minha casa vai cair – fotorreportagem. Marco Zero Conteúdo. 07 dez. 2020. Disponível em: <<https://marcozero.org/minha-casa-vai-cair-fotorreportagem/>>

Essa “modernização” agiu em prol de uma pequena elite que possuía condições de manter uma segunda habitação de veraneio para seus banhos salgados e atraídos pelo desejo de sair do caos urbano da cidade compravam ou alugavam as casas dos pescadores para a temporada do verão, os forçando economicamente a morar em uma habitação mais precária construída por muitas vezes às pressas, como enfatiza a pesquisadora.

A luta contra a higienização desses espaços geográficos da comunidade se une ao *hip hop* e as demais culturas marginalizadas, buscando uma nova perspectiva de funcionamento desse fazer artístico enquanto elemento transformador e como um chamariz para que as reivindicações sejam ouvidas pelas entidades públicas e privadas. É missão do coletivo intervir de maneira positiva na realidade local e mostrar que é possível uma mudança no cuidado de espaços de lazer, como as praças. O coletivo se torna uma entidade atuante direta em várias dessas frentes políticas de luta pelos direitos constitucionais fundamentais, uma questão essencial em todo o contexto geográfico e social dos bairros que cercam e criaram o Pão e Tinta. Afinal, somos produtos de um "lugar de produção socioeconômico, político e cultural" (CERTEAU, 1982, p. 65) e nos movemos a partir dele.

Esse chamariz, inicialmente, consistiu em colorir as ruas da comunidade com informações visuais que atraíssem olhares. Posteriormente, exigiu uma organização mais complexa que permitiu recursos para a ampliação desse fazer artístico, que se tornou naturalmente indissociável do fazer político do coletivo. Inclusive, o próprio *graffiti* se tornou apenas um braço dessa produção artística, que agora se une a outras formas de expressão, como música, dança, teatro e economia criativa. Antes, apenas morávamos no bairro, mas com o surgimento do coletivo, passamos a utilizar essa força para ocupar e nos apropriar, debatendo efetivamente as políticas públicas que antes eram feitas sem qualquer consulta popular. Um importante exemplo se trata do projeto de remoção de cerca de 1300 palafitas (Numeração obtida através de estudo realizado pelo Coletivo Pão e Tinta com apoio do Vereador Ivan Moraes¹⁵).

Esse projeto atualmente alterou toda a margem do Rio Pina e contou com a construção dos Habitacionais Encanta Moça I e II destinado com 600 apartamentos destinados para pessoas dessas palafitas (deixando assim alguns sem casa no auxílio aluguel), onde graças a luta de diversos e diversas moradores e entidades reivindicações como a inclusão de um galpão para

¹⁵ SOBREIRA, Vinicius. Em crise habitacional, Recife tem conjuntos com obras paradas e sem previsão de entrega. Brasil de Fato PE, 02 jun. 2022. Disponível em: <<https://www.brasildefatope.com.br/2022/06/02/em-crisehabitacional-recife-tem-conjuntos-com-obras-paradas-e-sem-previsao-de-entrega>>

as marisqueiras e pescadores e a extinção do pagamento de parcelas para famílias de baixa renda amparadas pelo Bolsa Família puderam ser atendidas, a maioria construída junto a protestos e reuniões com os moradores e URB – Autarquia de Urbanização da Prefeitura do Recife.

Agora organizados possuímos vozes potentes para reivindicar mudanças por meio do que chamamos de “Artivismo”. Uma das campanhas importantes desenvolvidas em parceria com a Livroteca Brincante do Pina foi a Rádio de Andada a Voz da Lama, onde durante o ano de 2020 e 2021 (Durante a pandemia) participamos do programa Corona nas Periferias, onde passávamos pela comunidade com bicicletas e barcos levando informações via rádio comunitária com sobre cuidado de hígienes e prevenção contra o vírus¹⁶.

O festival internacional de artes pão e tinta

Organizado anualmente desde 2012 o encontro reúne personalidades de várias expressões artísticas com a intenção de atuar na revitalização e realização de intercâmbio artístico, principalmente nos espaços de convivência e moradia das ruas das comunidades e das pontes das vilas flutuantes ribeirinhas. Durante o evento, artistas como Edmund PDF, Guga Baygon, Doce Freire, Lady Brown, Lelê Paes, Dinha Ribeiro, Orcke, Jeff Allan, Seg e Gori vindo de vários lugares do Brasil e do mundo como Argentina, França, Uruguai têm contato direto com a população local, transformando as ruas, palafitas e becos em grandes galerias a céu aberto, disponíveis para visitaçãõ de diversas formas, inclusive pela melhor forma de se andar nesta cidade: de barco. O encontro nasceu sendo uma atividade realizada no mês de fevereiro, tendo sido conhecido como “carnaval das artes”, mas posteriormente teve sua data alterada para setembro em decorrência do “grito dos excluídos”, contraponto ao grito da independência.

Ao longo de normalmente cinco dias, o evento impacta positivamente a economia da comunidade, tanto pela quantidade de artistas recebidos/as que se tornam consumidores e prestadores de serviços dos diversos estabelecimentos locais, quanto pelos profissionais técnicos de áreas como o audiovisual, pequenos/as empreendedores/as que expõem seus trabalhos e comerciantes locais, tanto de forma direta quanto indireta. Em 7 de setembro de

¹⁶ Comunicadores periféricos se unem em coalizãõ nacional pra enfrentar pandemia. Periferia em Movimento, 19 mar. 2020. <Disponível em: <https://periferiaemmovimento.com.br/comunicadores-periféricos-se-unem-emcoalizao-nacional-pra-enfrentar-pandemia>>

2022 o Encontro recebeu uma média de 900 pessoas, distribuídas entre público, produção e artistas convidados (as).

Com a proposta de integrar diferentes ramos da cultura ao debate social, o evento utiliza a arte em seu aspecto mais intrínseco: o “ativismo”, objetivando a divulgação dos ideais comunitários advindos do hip-hop e da conscientização territorial e ambiental para o público, conceito que usamos para explicar as reivindicações políticas através de nossas expressões artísticas. As atrações envolvem-se no cenário sócio-político local e engajam-se em militâncias de movimentos como o de Direitos das Mulheres, LGBTQIA+, Negro e Direito à Cidade, dentre outros. O festival evidencia o *graffiti*, mas dialoga com a música, dança, performance, fotografia, artes teatrais, economia criativa e empreendedorismo periférico, potencializando o trabalho artístico da favela.

Anualmente é escolhida uma temática sociocultural que é explorada na realização dos murais de *graffiti* e se interliga com as outras expressões artísticas, com ênfase na cultura *hip hop: Rap, MC's e Break*, mas também com atrações voltadas para a cultura tradicional, como o coco, a capoeira, o maracatu e o forró pé-de-serra. Também são contemplados artistas LGBTQI+ que se destacam em pinturas, performances, poesias e apresentações musicais. É importante ressaltar a participação ativa feminina na construção e elaboração dos projetos e ações do coletivo durante seus anos de existência, sendo atualmente uma maioria dentro dos indivíduos participantes.

Um dos recursos técnicos de transformação social que utilizamos é o “Mutirão de *graffiti*”, convocado esporadicamente para revitalizar e levar auto estima para os lugares que são estigmatizados como perigosos e insalubres. Durante o evento escolhemos o lugar, disponibilizamos tinta, pedimos autorização dos moradores e moradoras e mantemos um diálogo entre eles e os artistas na busca de incentivar que eles participem desse processo e até mesmo consumam do comércio local.

O evento também promove a difusão do conhecimento por meio da realização de oficinas, como *graffiti*, lambe-lambe, customização, fotografia, dança, rima, unidas a palestras que abordam temas de ampla discussão no campo do debate público. Também são realizadas ações sociais para o público, focadas no autocuidado, como cortes de cabelo, tratamentos capilares, aplicação de tranças afro, bem como outras ações sociais e oficinas voltadas para o público infantil, como circo e teatro.

O encontro é gratuito, aberto ao público, e realiza uma curadoria de arte coletiva definida pelas comissões responsáveis compostas por membros que se colocam e por um coordenador/a

eleito por votação, respeitamos igualdade entre gêneros, raça e diversidade, e oferecemos apoio, hospedagem e alimentação aos artistas que estão convidados a participar da edição. Entende-se a importância sociocultural desse evento na troca de conhecimento entre os artistas residentes do estado de Pernambuco e os respectivos visitantes que trazem cultura exógena para a comunidade durante seu período de estadia, tornando o evento uma tradição nas periferias de Recife. Entretanto, contamos com pouco ou nenhum incentivo público, fato que nos impulsionou a buscar a burocratização em termos institucionais e documentais, com a intenção de dispor das ferramentas necessárias para a aprovação de editais públicos e privados, como oportunidade para remunerar a equipe de produção, os/as artistas e os profissionais envolvidos direta ou indiretamente.

Como produção de indivíduos históricos pertencentes ao seu tempo o evento é sensível aos acontecimentos do ano e período de tempo em que é realizado, por isso, todos os anos possuem um tema e título bem articulados com as questões sociais e culturais da sociedade, sob o ponto de vista dos corpos periféricos que os produzem.

Os festivais

O primeiro, realizado no dia 25 de fevereiro de 2012, na Escola Estadual João Bezerra, localizado no bairro da Brasília Teimosa, teve como título "O fim do mundo" devido ao rumor gerado pelo fim do calendário asteca. O Pão e Tinta buscou a provocação de que os moradores da periferia já vivem diariamente esse evento, pelo descaso social, invisibilização, preconceito social, racial, homofobia etc. Tivemos as tradicionais batalhas de *MC's*, roda de diálogo, rimas e painel de *graffiti* com artistas vindos de vários estados do Nordeste, como Paraíba, Rio Grande do Norte e Bahia.

O segundo, realizado no dia 24 de fevereiro de 2013, na Escola Engenheiro Ernesto Gondim, no bairro de Brasília Teimosa, teve como título "Eterno Lito" em homenagem à vida de Joselito Ferreira. Artista e ativista preto e periférico, Lito era conhecido localmente por pintar as tampas de bueiros para embelezar o cotidiano dos moradores, essa atividade acabou por tomar caráter artístico-pedagógico quando ele passou a convidar jovens e adolescentes considerados problemáticos para se reunirem em um coletivo e participarem de aulas de arte e cidadania no espaço do projeto Turma do Flau, que atua há 36 anos auxiliando as crianças locais. O falecimento precoce do artista inspirou nos alunos a vontade de se unir ainda mais e continuar o seu legado nos próximos festivais.

O terceiro festival foi realizado de 21 a 23 de fevereiro de 2014, com a abertura realizada no Residencial Santa Terezinha, localizado na comunidade da Beira Rio, escolhido como foco

das ações artísticas-sociais do Pão e Tinta. O festival teve como título "A lata do mundo é nossa", em referência a enxurrada de investidos à Copa Mundial de Futebol que acontecia, contrastando com o abandono das políticas públicas de redução de danos para as pessoas que têm suas vidas destruídas pelo consumo de drogas nas periferias.

A quarta edição foi realizada de 04 a 07 de setembro de 2015 com o tema "Às Margens", e abordou o cotidiano das comunidades ribeirinhas construídas nas margens do Rio Pina e buscou conectar os artistas com essa realidade através da revitalização das vilas flutuantes. No primeiro dia a abertura contou com um painel de *graffiti*, performances musicais e artísticas, e foi realizada na Casa de Ideias, que funcionava como ateliê do Coletivo Manguê Crew, localizada próxima à Estação de Metrô Antônio Falcão, no bairro da Imbiribeira em Recife. No segundo dia, realizamos um mutirão de *graffiti* na Vila da Ponte, uma comunidade tradicional pesqueira localizada entre a ponte Governador Paulo Guerra e a Ponte Agamenon Magalhães, no Bairro do Pina, que foi recentemente destruída por um duvidoso incêndio. No terceiro dia, ocorreram encontros de caligrafia, batalhas de MCs e de *break*, na lateral da Igreja Católica Nossa Senhora do Rosário, no mesmo bairro. No último dia, na Praça da Bala, um local estigmatizado na comunidade do Bode, durante o encerramento do evento, foi realizada uma "Roda cultural" com artistas da cena do Hip-Hop local e o "Cine Clube Pão e Tinta", com a exibição de filmes pernambucanos como "Recife Cidade Roubada", "Avenida Brasília Formosa" e "Teimosia não vende".

A quinta edição do evento teve como título "Onde os urubus têm asas" e foi realizada entre os dias 05 e 11 de setembro de 2016. Nos primeiros dois dias do evento, foram oferecidas oficinas de Lambe-Lambe pelo Coletivo Bagaço e oficinas de artesanato com papel e fotografia ministradas por voluntários. No terceiro dia, em 7 de setembro, na Praça da Bala, ocorreu a "Festa da falsa independência", que incluiu mutirões de corte de cabelo artístico gratuito, desfile de moda na comunidade, mutirão de *graffiti* e apresentações musicais.

No quarto dia, realizamos o "Circuito Multicultural Flutuante", um trajeto aquático que levou os públicos do festival para uma visita ambiental cultural com o objetivo de estabelecer uma conexão com as comunidades ribeirinhas próximas à Bacia do Pina, levando intervenções artísticas ao longo do percurso. A ideia era mostrar as belezas e contrastes de lugares pouco conhecidos pela população em geral e promover um diálogo de troca sobre temas presentes na vida dos moradores com os artistas. Um dos locais visitados via barco foi a organização social "Caranguejo Uçá" na Ilha de Deus, onde realizamos uma roda de diálogo sobre o extermínio da juventude negra e periférica. Durante os últimos três dias do festival, foram realizados painéis

e mutirões de *graffiti* no Bairro do Pina, acompanhados de apresentações de hip-hop, músicas regionais e batalhas de MCs.

A sexta edição foi realizada de 06 a 10 de setembro de 2017 e teve como título "O Apartheid". No primeiro dia do evento, foi realizada a festa de abertura chamada de "O juízo final" em uma ilha no Rio Pina, acessível somente por barco com embarque na comunidade ribeirinha da Ponte do Pina. No segundo dia, aconteceu o clássico mutirão de *graffiti* do feriado, revitalizando a comunidade juntamente com um duelo de *break*, noite do vinil e atrações musicais. No terceiro dia participamos de uma gincana ecológica ocorreu na Bacia em conjunto com a Livroteca, com exibição de filmes no Cine Pão e Tinta e uma roda de diálogo sobre os "apartheids" que ainda acontecem em nossa sociedade e nossas formas de enfrentá-los. Nos últimos dois dias tivemos atrações artísticas e festa de encerramento que animou os artistas visuais locais e não locais a pintarem painéis pela comunidade seguido do painel principal nos muros do Clube Cabanga localizado na descida da Ponte Agamenon Magalhães sentido Centro da Cidade do Recife, popularmente conhecida como Ponte do Pina¹⁷. O evento deste ano questionava a contínua e atual exclusão de alguns corpos em nossa sociedade, posicionando-se contrário a qualquer forma de discriminação baseada em estereótipos, instigando debates em torno das pessoas que participaram da escolha deste título.

A sétima edição foi realizada entre 06 e 09 de setembro de 2018 e se intitulou "Jamais amordaçarás", sendo construída em pleno governo pós-golpe presidencial e ascensão fascista no Brasil que agravaram ainda mais a situação dos trabalhadores e das periferias¹⁸. O coletivo não se eximiu do debate público a favor da liberdade de pensamento, expressão e laicidade dentro de um estado democrático de direito, assumindo como artistas o papel de denunciar e

comunicar o que estava acontecendo no país. O primeiro dia do evento contou com a abertura na Galeria Arvoredo, localizada no Centro do Recife, e foi mediada pelo coletivo Boca no Trombone, grupo da zona norte de Recife que atua com recitais e batalhas de rima. No segundo dia, tivemos mutirão de *graffiti*, oficinas, Leilão em Chamas, atrações musicais e exposição do artista urbano Carbonel, com concentração na Praça da Bala. No terceiro dia, o foco do evento

¹⁷ Encontro de grafiteiros estampa muro do Cabanga neste domingo. Diário de Pernambuco, 10 set. 2022. Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2017/09/encontro-de-grafiteirosestampa-muro-do-cabanga-neste-domingo.html>>

¹⁸ "E este é, em síntese, o propósito do golpe de 2016 e de sua natureza de classe: aplicar essas contrarreformas que beneficiam diretamente o grande capital em detrimento dos trabalhadores. É difícil conceber que uma agenda assim pudesse ter sido aprovada por via eleitoral. Daí o golpe. Esta agenda, além de não ter sido respaldada pela eleição, tampouco vem recebendo um tratamento minimamente democrático, de debate público franco." (OLIVEIRA, 2017, p. 22)

foi a orla do bairro de Brasília Teimosa, nas proximidades do Buraco da Velha, onde realizamos um painel colaborativo, intervenção nos barcos e shows à beira-mar. No último dia, tivemos o encerramento com mutirão de *graffiti*, Leilão em Chamas, duelos de rimas e atrações musicais.

A oitava edição foi realizada entre 06 e 08 de setembro de 2019 e foi nomeada "Corpxs em Alvo" e foi pensada para denunciar o genocídio e encarceramento em massa da juventude preta e periférica¹⁹. O primeiro dia, com o tema "Desafiando Estatísticas", iniciou o evento com pintura de painéis na Livroteca Brincante do Pina, atrações musicais e leilão em chamas. No segundo dia, na Rua Vila Teimosa, Pina, durante a manhã e tarde, tivemos o mutirão de *graffiti*, mutirão social, oficinas e batalhas de rap e *break*. À noite, ocorreu a abertura no Arvoredo com entrada de 1kg de alimento não perecível. No último dia do evento, o tema foi "Resistir e Aquilombar", ocupando o antigo Aeroclube no Bairro do Pina, com pintura ao vivo, atrações musicais e Leilão em Chamas. É importante destacar que essa edição foi a primeira a utilizar a curadoria coletiva "Monte sua Panela", com o objetivo de democratizar a lista de participantes do encontro de artes, a partir de uma lista montada com a indicação de crews/bancas/comandos/coletivos de arte urbana. Além da participação da cena do *graffiti* pernambucano, essa curadoria é realizada com paridade de gênero e representatividade. Foram realizadas 157 inscrições e selecionadas 80 artistas, segundo dados do formulário de inscrição e listão de selecionados.

Em 2020, devido ao isolamento social provocado pela pandemia do COVID-19, não realizamos o Festival Internacional de Artes, mas realizamos o projeto chamado "Aquarelena".

A nona edição foi realizada em formato online entre 09, 10 e 11 de abril de 2021 e chamou-se "Sobrevivências periféricas". Foi nossa primeira edição realizada com apoio de um edital público, por meio da Lei Aldir Blanc de Pernambuco, instrumento que nos permitiu remunerar pela primeira vez a equipe que constrói o evento. Nesta edição, buscamos dar visibilidade às histórias dos artistas periféricos que, naquele momento, estavam sobrevivendo

a um ano de pandemia no meio de um governo genocida e sem qualquer garantia trabalhista²⁰. As atividades foram transmitidas no canal da Palaffit Produções no YouTube e divulgadas via Facebook e Instagram.

¹⁹ EBRAHIM, Raíssa. "Corpxs em Alvo": festival na Comunidade do Bode promove política com tintas. Marco Zero, 09 set. 2022. Disponível em: <<https://marcozero.org/corpxs-em-alvo-festival-na-comunidade-do-bodepromove-politica-com-tintas/>>

²⁰ Por isso, em relação a população que mais tem sofrido com os efeitos da Covid19, são aqueles que estão no setor de serviços ou prestam serviços através dos aplicativos, além da população que reside nas favelas, nos Quilombos,

No primeiro dia do evento, tivemos uma roda de diálogo sobre as experiências periféricas com artistas e lideranças políticas pretas de Pernambuco, seguida de exibição audiovisual de painéis produzidos em casa pelos artistas do coletivo e o Leilão Pão e Tinta, finalizando com atrações musicais. No segundo dia, tivemos oficinas de técnicas artísticas, fotografias com smartphones, apresentações musicais e mais um Leilão Pão e Tinta. No terceiro dia, exibimos o mini documentário "Troca de saberes sobre vivências da maré" produzido Ingrid Veloso com as marisqueiras da comunidade e oferecemos uma oficina de mídias sociais, finalizando com a exibição audiovisual de mais um mural pintado por nossos artistas e atrações musicais em vídeo ao vivo.

No dia 7 de setembro do mesmo ano produzimos uma prévia do festival de 2022 com o título de “Sempre desobedecer, nunca reverenciar” enfatizando que enxergamos e produzimos transgressão enquanto fazer artístico. O evento foi realizado com mutirão de *graffiti*, atrações musicais, recital de poesia, biblioteca itinerante e microfone aberto.

A décima edição do festival foi a maior e mais longa, sendo realizada entre os dias 06 e 11 de setembro de 2022, selecionamos a maior quantidade de artistas da nossa história: foram selecionadas 206 de um universo de 374 inscrições diversas incluindo não binárias, mulheres (cis e trans) e homens (cis e trans), que trouxeram suas artes e experiência para as paredes da nossa cidade. No primeiro dia tivemos a festa de abertura no Casarão das Artes, escola de circo localizada no Recife Antigo, com performance do Teatro Pão e Tinta, pintura ao vivo, Leilão Pão e Tinta e programação musical. No segundo dia tivemos mutirão de *graffiti* e ações sociais na comunidade do Sítio dos Pescadores no Pina, com programação para o público infantil com oficinas de circo, aquarela, *graffiti*, atrações musicais, batalha de *break* e Leilão Pão e Tinta finalizando a noite. No terceiro dia tivemos oficinas de “Como Montar uma Exposição de Artes” e “Zine Manifesto Cultural” e *tie dye* para o público infantil. Finalizando a noite realizamos troca de adesivos durante a realização da batalha de mc’s organizada pelo Coletivo Boca no Trombone na Livroteca Brincante do Pina. No quarto dia tivemos mutirão de *graffiti*

na Ilha de Deus, comunidade vizinha, e lançamento do Guia Formativo do Coletivo em parceria com o Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul (Pacs) na sede do Coletivo Caranguejo Uçá na mesma localidade, finalizando o dia com Leilão Pão e Tinta e atrações musicais. No quinto dia foram pintados os painéis dos muros da Cabanga e da Compesa na descida da ponte

Agamenon Magalhães no Pina, ao mesmo tempo tivemos recreação infantil com o Grupo Siga e contação de histórias, oficinas de lambe-lambe e doações de livros com o grupo Malateca, finalizando o dia com festa no Burburinho Bar no Recife Antigo. No sexto e último dia tivemos pintura de painel na Igreja do Pina, Leilão Pão e Tinta, Batalha de Tag, Mutirão de *graffiti* infantil e atrações musicais.

Percebemos que a organização e as atividades foram se tornando mais complexas conforme o passar dos anos, com o aumento do número de participantes, hoje totalizando 37 pessoas, a organização do evento e do coletivo foi oxigenada com novas ideias e pautas. Os temas comentados surgem de desconfortos vividos por nós enquanto artistas e habitantes da localidade, além da rejeição que sofríamos enquanto artistas em outros eventos de *graffiti* de Recife. O fim do mundo vem como tema porque este era normalizado para nós, já vivíamos cotidianamente esse apocalipse com a perda de várias vidas em disputas armadas, para as drogas, pelo descaso com a saúde, educação e o saneamento básico, etc.

A juventude do bairro vive o ócio gerado por esse abandono, mas tem muita energia pra investir em qualquer coisa, só precisam de oportunidades para que esta seja direcionada em prol de projetos para um futuro diferente, tentamos direcionar essa energia em oficinas artísticas que mostrem para essas crianças alternativas reais e mais rentáveis que as ilegais. As reivindicações em torno do pertencimento enquanto comunidade tradicional ribeirinha estando “Às margens” são sempre presentes por motivo de orgulho, mas também de muita luta. Atualmente resistimos contra o projeto de urbanização e higienização da Bacia do Rio Pina, imposto sem consulta popular pela prefeitura do Recife e que não garante moradia para todas as 951 famílias que serão removidas das palafitas e casas de alvenaria próximas a maré. O pedido dos moradores e dos participantes do coletivo é que a sociedade civil seja ouvida na construção desse projeto, haja vista que não existe qualquer possibilidade de ser revogado.

A nossa reivindicação é em prol da construção coletiva de um projeto que abrace a população ribeirinha, revitalize e despolua o Rio Pina e não retire do lugar de moradia e trabalho quem lá vive, sendo foco das solicitações porque entendemos lugar em si como parte da construção subjetiva e afetiva desses seres. O debate racial também foi e é tema principal das abordagens dos festivais e de outras produções do coletivo, que conta com ampla participação de pessoas pretas que protagonizam essa construção e militância, construindo grupalmente as lutas e reivindicando ações de políticas públicas como, por exemplo, o fim do encarceramento da juventude preta utilizando a arte como ferramenta. As mães e a maternidade também são temas pensados em nossas construções, com várias mães construindo coletivamente nos atentamos a pensar questões como acolhimento e participação infantil em nossas atividades

culturais, por enxergamos nas crianças o futuro da nossa comunidade e sociedade, sendo assim tudo que pensamos e criamos é em grande parte dedicado ao futuro delas.

O movimento constrói uma história real da vida dos seres que o energizam e da sua relação direta com a natureza, por meio de muito trabalho. Para Thompson a compreensão de um processo histórico passa por entender, baseado em evidências históricas, como e porque esses seres agem dessas formas quando inseridos nessas condições. Segundo o mesmo:

Estamos falando de homens e mulheres, em sua vida material, em suas relações determinadas, em sua experiência dessas relações, e em sua autoconsciência dessa experiência. Por 'relações determinadas' indicamos relações estruturadas em termos de classe, dentro de formações sociais particulares" (Thompson, 1981, p. 111).

O coletivo hoje insurge na sociedade como uma rede guarda-chuva de diversas outras dessas formações sociais particulares, tais como: Osmo, PixeGirls, Cabras e Palaffit que atuam enquanto entendidas atuantes na arte urbana contemporânea Pernambucana.

Leilão em Chamas

O "Leilão em Chamas" foi o primeiro nome dado a uma tecnologia de empreendedorismo criativo e social criada em 2016, resultado da junção do Coletivo Pão e Tinta com o Coletivo Mangue Crew, inspirada em uma experiência observada durante a viagem de um dos membros do último coletivo para a Europa. A experiência consiste em estimular uma prática que não era comum: a criação, por artistas urbanos periféricos, de obras de arte em uma diversidade de suportes que vão além dos muros, bem como a comercialização dessas obras, criando assim um ecossistema de consumo de arte urbana contemporânea. Isso permitiu que diversos artistas pudessem vender suas obras pela primeira vez e obter um retorno financeiro sobre suas produções, que antes eram feitas como hobby. Com o leilão, suas obras se tornaram uma alternativa financeiramente viável para suas vidas.

Inicialmente, o evento acontecia nas ruas durante os Festivais Internacionais de *graffiti*, com as obras sendo produzidas pelos artistas que participavam da revitalização dos espaços públicos e sendo vendidas no mesmo local. Por conta disso, a ação ficou conhecida como "Leilão das Moedas", pois, naquele espaço os moradores e o público participante tinham a possibilidade de comprar obras de artistas que admiravam com a quantia de dinheiro em moedas que tinham nos bolsos, uma vez que os lances começavam a partir de um real. No entanto, as obras que não obtivessem lances seriam destruídas, realizando um ato performático de crítica contra a desvalorização desse tipo de arte urbana periférica. Afinal, se para você não valeria

nem ao menos um real, por que se incomodaria com a destruição? Dessa forma essa tecnologia foi repetida com pequenas alterações e funcionou dessa forma até a pandemia de COVID-19.

Porém, durante 2020, o isolamento social pela COVID-19 tornou necessário inventar e formular novos meios para essa tecnologia de economia criativa, que também passou por avanços devido à necessidade de profissionalização que o crescimento profissional do projeto exigia. A conta do Instagram do coletivo começou a realizar leilões online no *feed* de publicações e além disso, foi criado o já citado projeto Aquarelena, onde os artistas compartilhavam seus ateliês com o público em transmissões ao vivo que compartilhava todo o processo criativo, onde o público acompanhava aprendendo e fazendo perguntas durante a produção das obras.

Na segunda edição da Aquarelena, foi realizado "O game", no qual artistas divididos em times produziram 20 obras que "competiram" entre si como forma de entretenimento, através de votação popular, resultando em algumas artes alcançando 30 mil votos. Ao final, todas as telas foram leiloadas, alcançando um faturamento recorde nos leilões e na história da arte urbana brasileira, com mais de 20 mil reais arrecadados somente no Aquarelena 2 e, no âmbito geral dos leilões, mais de 400 artistas beneficiados nesse mesmo ano²¹.

O Leilão Pão e Tinta é importante para diversos artistas, inclusive para mim, como meio de reconhecimento e divulgação de seus trabalhos, que anteriormente eram poucos vistos e vendidos. Além disso, esse empreendimento social significa hoje em dia várias experiências de produção coletiva de obras por agentes de cultura periféricos coletivos que produzem arte em Recife, se tornando assim o equipamento principal de geração de renda. A importância dessa iniciativa ainda está se desenrolando no presente momento, com a disseminação de leilões

similares, como o "Leilão em Chamas" e o "Leilão do Beco", que auxiliam ainda mais esse novo mercado a se fortalecer e a promover artistas não herdeiros.

Exposição: “Pão para viver e tinta para pintar pelo que viver”

No início do ano de 2022 recebemos um convite do SESC Santo Amaro, para ocupar e inundar a galeria daquele espaço com arte urbana, passamos um mês construindo instalações,

²¹ Autogestão na pandemia: o Coletivo Pão e Tinta e a arte como transformação social. PACS, 14 jul. 2021. Disponível em: <<http://pacs.org.br/noticia/autogestao-na-pandemia-o-coletivo-pao-e-tinta-e-a-arte-comotransformacao-social/>>

pintando pares, pregando pregos e limpando o chão daquele lugar que receberia uma pequena porção da memória de nossos anos de trabalho e seria inaugurado no mês de maio.

Em maio de 2022, realizamos na Galeria Corbiniano Lins, localizada no SESC Santo Amaro, nossa primeira exposição coletiva em comemoração aos 10 anos das ações artísticas sociais. A ideia da ocupação dessa galeria por parte dos artistas do coletivo foi bem recebida por compreendemos a importância de ocuparmos espaços, inclusive como forma de representatividade para os novos artistas. A mostra ficou em cartaz entre 25 de maio e 22 de julho, reunindo obras de artistas que contribuíram e participaram ativamente dessa trajetória. Essa realização foi importante para coroar o momento de celebração e proporcionou uma oportunidade significativa para diversas artistas, que tiveram seus trabalhos expostos pela primeira vez em um espaço institucional respeitado e valorizado.

Os frutos dessa movimentação vieram na forma de satisfação tanto para a entidade social quanto para as artistas presentes que buscam cada vez mais ocuparem todos espaços possíveis. De acordo com os dados do caderno de visitas, a exposição foi visitada por mais de 3 mil pessoas, recebendo cobertura em importantes mídias jornalísticas estaduais.

Galeria Urbana Silvonete Santos e Pinacoteca do Bode: Exemplos de transformação

Ao nos questionarmos sobre os espaços públicos institucionais de arte na cidade do Recife, percebemos que todos eles estão localizados longe dos bairros periféricos. Não podemos tratar esse fato como acaso, quando na verdade essa alocação parece ser fruto de uma estratégia pensada pelas autoproclamadas elites para dificultar o acesso constitucional à arte e cultura aos habitantes dessas localidades. Devido à enorme distância entre seu lugar de moradia e cotidiano e os museus e galerias, atuando na contramão desses espaços institucionais, nosso objetivo é realizar e institucionalizar grandes galerias a céu aberto com visitação pública e gratuita na periferia de Recife e do Mundo.

Uma das mais importantes foi criada em fevereiro de 2021, durante o nono festival, chamada Galeria Urbana Silvonete Santos, localizada em toda extensão da Rua Vinte e Seis de Janeiro no Bairro do Pina. Essa ação coletiva teve a função de revitalizar e homenagear Dona Silvonete Santos, mãe do grafiteiro e cofundador do coletivo, Pedro Stilo, e dos jovens Lucas e Mateus Santos. Dona Silvonete Santos era uma mulher negra que militava pelo direito dos mais necessitados e, tristemente, foi vítima da violência que assola as favelas em 2003, quando, ao voltar do trabalho em um domingo, foi atingida por uma bala perdida no mesmo local. O espaço

ganhou vida e cores com os painéis de *graffiti* feitos pelos artistas do coletivo, tornando-se um novo espaço cultural dentro da favela.

Nessa medida, nos tornamos autores e protagonistas de nossas próprias histórias, deixando marcada nos muros e paredes, e conseqüentemente na história, a vida de pessoas que, assim como Silvonete, lutaram e lutam cotidianamente por uma comunidade melhor. Hoje, a Galeria tem a missão de transformar o cotidiano das pessoas ao incluir arte neles, trazendo também mais segurança comunitária, informação e cultura. Tornou-se exemplo principal do esforço e da importância de todos os nossos anos de trabalho.

Nossos sonhos e construções seguem rumo a resgatar esses espaços, recebendo o devido financiamento público que uma organização dessa importância demanda e merece, para continuar e ampliar tais projetos. Atualmente, sonhamos com a PINACOTECA DO BODE, um espaço público garantido pela Prefeitura e Estado, com funcionários e atividades que recebam nossa juventude com leitura, arte e cultura.

Ocupação do espaço do Centro Social Urbano do Pina (CSU) e Projeto Pró-Morar

Localizado na Comunidade do Bode, o CSU fazia parte de uma grande rede de assistência social desenvolvimentista, com origens que remontam à ditadura militar, idealização dessa utopia de desenvolvimento nacional criada pela mesma, tendo funcionado na localidade até o início dos anos 2000, atendendo crianças, jovens e adultos com atividades. Segundo Marise Magalhaes Olimpo:

Estando os trabalhadores empregados desenvolvendo atividades educativas ofertadas pelos seus representantes de classe, a próxima fase seria fazer com que esta cultura do corpo são, chegasse também a classes desassistidas por essas iniciativas. Assim, em 1975 foi criado o Programa Nacional de Centros Urbanos – PNCSU. O PNCSU visava a construção de diversos centros com a finalidade de promover a integração social nas cidades, através do desenvolvimento de atividades comunitárias nos campos da educação, cultura e desporto, da saúde e nutrição, do trabalho, previdência e assistência social e da recreação e lazer (OLÍMPIO, 2019, p.5).

Em 31 de janeiro de 2022, o prédio, que estava abandonado há mais de uma década, tomado por mato e lixo, foi ocupado pelos coletivos Pão e Tinta, Novo Pina, Cabras, Palaffit Aceleradora Social, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e a Livroteca Brincante

do Pina²². O objetivo dessa ocupação foi retomar a função social do imóvel e criar o Centro Cultural do Bode no local, que pertencia ao Estado de Pernambuco.

O prédio que ocupamos havia sido objeto de uma transação imobiliária conhecida como "dação em pagamento" em 2019, como parte da indenização pela desapropriação de um terreno ocupado por famílias na Comunidade 21 de Abril, localizada na Várzea, zona oeste do Recife. No entanto, essa transação não trouxe nenhuma contrapartida para a nossa comunidade.

A ocupação pacífica sobreviveu de doações e começou com a limpeza e capinação do espaço onde posteriormente, incluímos atividades culturais como mutirões de *graffiti*, que se estenderam por quase dois meses²³. Durante esse período, desenvolvemos oficinas de música, dança, artes marciais e artes visuais, trazendo de volta para aquele espaço suas atividades culturais e sociais, que são importantíssimas para a comunidade, que possui uma enorme carência desses equipamentos.

Ao final do mês de fevereiro de 2022, fomos expulsos do terreno por decisão judicial, o espaço continuará sendo destinado à especulação imobiliária. Contudo, conseguimos uma vitória política na construção de um Centro Comunitário da Paz (COMPAZ) no Pina.

Caminhos: Guia Formativo com o Instituto Políticas Alternativas Para o Cone Sul (PACS), Método de Aceleração Pão e Tinta e Turnê Conexões Periféricas na França

Desde 2018, o Pão e Tinta possui parceria com o PACS, sendo uma entidade membro da rede de autogestão com os coletivos parceiros: Rede Tumulto e Assentamento Terra Vista (Teia dos Povos da Bahia).

O Guia de Formação Pão e Tinta, desenvolvido pelo coletivo em colaboração com o Instituto PACS nos dias 2 e 3 de agosto de 2022, como parte de nossas atividades estruturantes, foi produzido com a participação da maioria dos integrantes e apresenta a história do coletivo,

²² MORAES, Katarina. Abandonado e vendido pelo Estado, antigo Centro Cultural do Pina, no Recife, é reocupado pela Comunidade do Bode. *Jornal do Commercio*, 05 fev. 2022. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2022/02/14942178-abandonado-e-vendido-pelo-estado-antigo-centrocultural-do-pina-no-recife-e-reocupado-pela-comunidade-do-bode.html>>

²³ EBRAHIM, Raissa. Organizações ocupam prédio público abandonado na zona sul do Recife e reivindicam centro cultural. *Marco Zero*, 31 jan. 2022. Disponível em: <<https://marcozero.org/organizacoes-ocupam-predio-publicoabandonado-na-zona-sul-do-recife-e-reivindicam-centro-cultural>>

áreas temáticas e pilares. O guia também relata a produção do Festival Internacional de Artes Pão e Tinta e fornece um passo a passo para a realização de um mutirão de *graffiti*, como forma de balizar coletivos que estejam em estado inicial.

Esse material é importante por ser um documento histórico da nossa atuação de vida enquanto produtores de arte periférica. Além disso, ele serve como um material de organização e conscientização, e é um guia público para outros coletivos e coletivas, potencializando assim o papel que Pão e Tinta já exerce enquanto entidade/instância educacional, oferecendo formações políticas e artísticas para organizações coletivas de toda Brasil, incluindo a exportação de equipamentos sociais como o Leilão para outros coletivos.

Utilizando um método criado por nós e nomeado pelo cofundador do coletivo, Pedro Stilo, como "Método de Aceleração Pão e Tinta", são oferecidas oficinas, formações, shows de música, mutirões de *graffiti*, batalhas de rima, batalhas de *break*, troca de figurinhas, leilões de arte, entre outros eventos, como forma de potencializar aquela comunidade e entidade beneficiada.

Neste sentido, também rompemos em 2022 a barreira da internacionalidade fora do continente americano, enviando Shell Osmo, Pedro Stilo e Tassia Seabra, respectivos integrantes do coletivo e da Frente da Cultura Periférica de Pernambuco, em direção à França para uma turnê de troca de saberes chamada de "Conexões Periféricas²⁴". Funcionando como um Intercâmbio Político-Cultural, durante 25 dias, visitamos 18 cidades em toda a França, conectando artistas, ativistas culturais, políticos, ativistas e centros socioculturais. Realizamos atividades, workshops, debates, intervenções artísticas e, acima de tudo, compartilhamos conhecimento, enriquecendo ainda mais a bagagem de todos os envolvidos no projeto.

Lá, participamos de rodas culturais e ministramos oficinas, nos informamos e articulamos sobre a dificuldade da questão territorial e da manutenção de bairros residenciais importantes para a habitação dos imigrantes. Realizamos trocas de saberes artísticos e políticos de

resistência a essa opressão imobiliária que também enfrentamos em Recife. Utilizando exposições, oficinas, rodas de diálogo, mesas de debate, entre outras ferramentas, expressamos nossa luta.

²⁴ Foto registros das ações, disponível em: <https://www.instagram.com/connexions_peripheriques/>

Considerações finais

Um lugar socioafetivo de moradia é bem mais que apenas o local onde você deita e dorme, onde você vive te afeta em diversos pontos na sua vida e nos molda enquanto seres sociais que somos, quando enxergamos a precarização e ameaças que a nossa localidade enfrenta historicamente, entendemos que precisamos resistir. Hoje essa resistência composta por muitos membros na Favela do Pina se traduz em símbolo de resistência para todo País.

Sabemos que a produção de cultura é o elã vital para a construção da memória e, conseqüentemente, da história da humanidade. Enquanto ocupantes das favelas brasileiras, inseridos nesse contexto, o Coletivo Pão e Tinta sempre se posicionou como protagonista nessa produção, na defesa de um território que, para nós, é afetivo devido a tantas memórias construídas ao longo de 11 anos. O registro histórico desse momento é para nós um símbolo de nossa resistência enquanto produtoras de cultura periférica, nos entendendo como uma das entidades balizadoras do hip-hop nacional.

Neste artigo, tivemos como principal objetivo documentar e deixar registrado todos os esforços ao longo dos anos, a grande maioria não remunerados, que pessoas de seu tempo e habitantes de uma localidade ameaçada tomaram no intuito de preservar sua vida e território na periferia de Recife. O Pão e Tinta continuará seus festivais, mutirões, batalhas de rima, oficinas, revitalização de espaços públicos, etc., e lutará contra a especulação imobiliária, o racismo, a homofobia, o genocídio da juventude negra, a precarização das condições de maternidade e a guerra às drogas enquanto houver Brasil, Pernambuco, Recife, Pina e Comunidade do Bode. A inserção das artes nos ambientes periféricos se torna recurso para a “desmarginalização” do espaço na medida em que o transforma em uma referência turística e artística.

Esse registro histórico é também um relato de experiência como história pública, na medida em que é produzido e direcionado, mobilizando a própria consciência histórica em um ímpeto de acompanhar as transformações orquestradas durante o continuum do tempo. À medida que esse conhecimento adquirido é posto em prática, passamos a mobilizar e relacionar nossa condição social, histórica e geográfica atual de forma multidisciplinar a todo conhecimento histórico que adquirimos no trajeto, levando em consideração as rupturas dos status quo de ordem social pré-estabelecidos e já aceitos que abordamos durante todo o trabalho. A partir desse ponto, nos colocamos enquanto sujeitos de observação crítica, problematizando nossas vidas enquanto sujeitos históricos e atuamos diametralmente contra as violências territoriais, raciais e classistas abordadas no decorrer de todo o trabalho.

ANEXOS²⁵



²⁵ Primeira fotografia data do festival de 2015 “Às margens” de autoria de Rafaella Ribeiro, registrada na Vila da Ponte, a mesma que foi destruída por um incêndio em 2022.

Referências

- THOMPSON, Edward Palmer. A miséria da teoria ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- MARTINS, Suely Aparecida. As contribuições teórico-metodológicas de E. P. Thompson: experiência e cultura. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, Santa Catarina, v. 2, n. 2, p. 113-116, agosto/dez 2006. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/13539/12404> Disponível em: . Acesso em: 7 nov. 2021.
- COLETIVO Pão e Tinta. Direção: Sharon Baptista. Produção: Henrique Sena. Roteiro: Sharon Baptista. Fotografia de Monique Silva. Gravação de Rick Almeida, Fernando Nicolás e Zum Drone. Brasil: [s. n.], 2020. 1 vídeo (25min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nkjymufhKpU&ab_channel=SharonBaptista . Acesso em: 8 nov. 2021.
- THOMPSON, Edward Palmer. Costumes em comum. Ed. Crítica, Barcelona, 1995.
- COSTA, Nicole do Nascimento Medeiros. A rua respira arte!: uma antropologia do graffiti. 2017. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.
- SOUZA, Elizabet Soares de. Entre a arte e a política: brigadas muralistas nas cidades de Olinda e Recife na década de 1980. 2012. 145 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.
- ROCHE, Daniel. História das Coisas Banais: nascimento do consumo (séc. XVII-XIX). Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000.
- ALVES, César. Pergunte a quem conhece: Thaíde. São Paulo: Labortexto Editorial, 2004.
- CERTEAU, Michel de. A Escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CERTEAU, Michel de. A Invenção do cotidiano. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- OLÍMPIO, Marise Magalhães. Lazer e regime militar: um estudo sobre os centros sociais urbanos de Fortaleza (1969 - 1984). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 30., 2019, Recife. Anais do 30º Simpósio Nacional de História. Recife: Associação Nacional de História, 2019. p. 5.
- OLIVEIRA, T. B. de. O GOLPE DE 2016: BREVE ENSAIO DE HISTÓRIA IMEDIATA SOBRE DEMOCRACIA E AUTORITARISMO. *Historiæ*, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 22, 2017.

Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/6726>. Acesso em: 15 ago. 2023.

Leal, G. (2019). 'Graffiti é existência': reflexões sobre uma forma de cidadinidade. Horizontes Antropológicos, 25(55), 89-117. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832019000300004>. Acesso em: 13 jan. 2024.

SANTOS, Joseane Rodrigues dos; VARGAS, Juliana Costa. Pandemia e genocídio da população negra: cenários da necropolítica estatal. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 239-254, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>. Acesso em: 15 ago.2023.

Leal, G. (2022). Entre os riscos nos muros e os riscos da lei: reflexões sobre graffiti, pixação e empreendedores morais em São Paulo. Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia, 54(1), 236-258. <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/46415>

BONETE, W. J. Notas sobre o conceito de consciência histórica e narrativa em Jörn Rüsen e Agnes Heller. Revista Eletrônica História em Reflexão, [S. l.], v. 7, n. 14, 2014. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/2944>. Acesso em: 19 fev. 2024.

Fontes do Arquivo Digital do Coletivo Pão e Tinta

[2016, março, 15, Pernambuco]

Projeto do festival “Onde os Urubus Tem Asas”, produzido pelo Coletivo Pão e Tinta onde é realizado o norteamento das motivações, lutas e ideias do festival de 2026.

[2020, dezembro, 3, Pernambuco]

Projeto do festival “Sobrevivências Periféricas” produzido pelo Coletivo Pão e Tinta e historicamente o primeiro festival a ser realizado via recursos públicos.

[2021, fevereiro, 2, Pernambuco]

Projeto escrito para o “Fundo Brasil” onde é relatada a história do coletivo e se suas ações sociais em busca de apoio para a continuação das mesmas.

[2022, junho, 14, Pernambuco]

Release do festival “Sobrevivências periféricas”, texto produzido pelo Coletivo Pão e Tinta onde é realizado o norteamento das motivações, lutas e ideias do festival de 2020.

[2022, junho, 14, Pernambuco]

Carta de princípios do Coletivo Pão e Tinta, onde os participantes indicam seus valores e causas sociais, políticos e históricos.

[2022, agosto, 3 e 4, Pernambuco]

Guia Formativo Pão e Tinta produzido pelo coletivo em parceria com o Instituto Pacs durante uma atividade de sistematização nos dias 2 e 3 de agosto, em 2022, e traz a história, áreas temáticas e pilares do coletivo, contam sobre a produção do Encontro Internacional de Artes Pão e Tinta, além de um passo a passo de como realizar um mutirão de grafite. Disponível em: <http://www.ppad.org.br/video/154>. Acesso em 18 ago.2023.

[2023, setembro, 10, Pernambuco] Portfolio

do Coletivo Pão e Tinta.

[2020, novembro, 11, Pernambuco]

Clipagem Coletivo Pão e Tinta